

DOXOLOGIA EUCARÍSTICA: ANÁLISE LITERÁRIO-FORMAL, SEGUNDO A METODOLOGIA DA "LEX ORANDI, LEX CREDENDI" (1ª PARTE)*

Eucharistic doxology: literary-formal analysis, according to the methodology known as "Lex orandi, lex credendi" (1st part)

Rodrigo Ladeira Carvalho**

Resumo

Tomando como ponto de partida a estrutura geral das orações eucarísticas de todos os tempos (orientais e latinas), à luz do axioma "lex orandi, lex credendi, lex agendi" é possível notar que sua fórmula doxológica (louvor final) configura-se como uma espécie de inclusão textual que amarra o todo a dinâmica anafórica. Mal traduzida ou rezada incorre no risco de perder o imprescindível gosto (sabor) misterioso e dialógico, próprios de toda celebração litúrgica.

Palavras-chave: fórmulas doxológicas; "lex orandi, lex credendi, lex agendi"; oração eucarística.

Abstract

Taking as starting point the general structure of the Eucharistic prayers of all times (oriental and Latin), in light of the axiom "lex orandi, lex credendi, lex agenda" it is possible to notice that its doxological formula (final praise) configures as a type of textual inclusion that ties all of its anaphoric dynamics. Poorly translated or

*Artigo enviado em 25/10/2010, aprovado para publicação em 03/11/2010.

**Graduação em teologia.

prayed incurs in the risk of losing the indispensable mystical and dialogical taste (flavor), proper of all liturgical celebration.

Keywords: doxological formulas; "lex orandi, lex credendi, lex agendi"; Eucharistic prayer.

"Sempre que o homem conquista certeza de alguma coisa: redondeza da terra, heliocentrismo etc., ele acaba por se chatear soberanamente e, passando por cima de esfinges mortas, parte em busca de novos enigmas, de novas dúvidas, ante a indiferença das pedras, das velhas comadres e das estrelas."

MARIO QUINTANA

INTRODUÇÃO

Do *prefácio à doxologia final*, na prece eucarística, contamos nove elementos¹, dispostos diversamente² de acordo com cada família litúrgica³. Nosso interesse de pesquisa é o item derradeiro, a *doxologia final*. A partir daí demonstraremos de que modo o louvor final corrobora para sintetizar, como uma espécie de epílogo, o todo do discurso oracional.

O termo *doxologia* é a junção de duas expressões gregas: "*doxa*" (glória) e "*logos*" (palavra). Trata-se de uma "glorificação de Deus pela obra da salvação realizada em Cristo". (RUIZ DE GOPEGUI, 2003, p. 44).

A fórmula de toda doxologia tem clara inspiração nas formas judaicas de oração. "No Apocalipse (1,5-8; 4,8-11; 5,9-14; 7,10-12; 19,1-8) encontramos muitas fórmulas doxológicas que pelo estilo, pelo ritmo hínico e pela forma responsorial mostram claramente a influência de formas hebraicas." (ibid.).

Uma das características da doxologia cristã é sua disposição trinitária. A Tradição eclesial conhece variadas doxologias. As mais comuns são: o *Gloria in excelsis*, dos Ritos de entrada da Missa, denominada "doxologia maior"; a aclamação, nos Ritos de comunhão, "*Teu é o reino...*", que se junta ao Pai-nosso. Também o *Gloria Patri* é uma formulação doxológica, conhecida como "doxologia menor". Mas a mais importante é, sem dúvida alguma, a *fórmula doxológica*

¹ Logo abaixo (item 1) elencamos os nove elementos.

² A estrutura siro-oriental, representada pela anáfora de *Addai e Mari*, uma das mais antigas de que se tem conhecimento é, por exemplo, uma exceção. Esta prece não possui as "palavras da instituição" de forma narrativa. (ver GIRAUDO, 2003, p. 341-343.). Outras preces, como a Tradição Apostólica, no texto que chegou até nós, não consta o "*sanctus*" <2> nem as "*intercessões*" <8>. (ver ibid., p. 282-283.).

³ "Designação que se dá às diversas formas de celebrar a liturgia provenientes de tradições muito antigas". (DOTRO; HELDER, 2006, p. 69).

que conclui toda e qualquer *oração eucarística*. (cf. ALDAZÁBAL, 2002, p. 128-129).

A eucaristia⁴, entendida como louvor de Deus, é o lugar por excelência da manifestação da sua glória, lugar de doxologia em sentido *lato*. O objeto principal da nossa pesquisa é devedor dessa noção basilar de eucaristia. A única “palavra boa”, aceita e agradável a Deus é Deus mesmo, o Filho Unigênito, consubstancial ao Pai. Ele é, *per se*, a melhor ação de graças. É **por** Ele [Cristo], **n’Ele** e **para** Ele que se eleva todo homem ao Pai. É exatamente isso que faz toda fórmula doxológica.

Veremos como a dinâmica oracional, tomando os textos anafóricos de todas as épocas, a partir de um recorte específico (*doxologia final*) é produtor do sentido mais profundo da eucaristia. Mal traduzida ou rezada incorre no risco de perder o imprescindível sabor misterioso-eucarístico.

Elegemos um antigo axioma como metodologia geral de nossa investigação. Trata-se da sentença latina “*ut legem credendi lex statuat supplicandi*” – para que a norma da oração estabeleça a norma da fé (cf. GIRAUDO, 2003, p. 13; cf. TABORDA, 2009, p. 21-29). Passaremos em revista o “**modo de orar**” de nossos antepassados, determinante e determinador do modo **como devemos orar, crer e agir**⁵.

1. AS ANÁFORAS⁶ EM SUA “GRANDE ESTRUTURA”

A disposição do relato institucional (embolismo escriturístico) nas anáforas qualificam a prece eucarística em dois tipos. Dependendo da localização, à moda de enxerto, desse elemento na oração, as preces se distinguirão em *anamnética* ou *epiclética*.

As orações de dinâmica *anamnética* são as Siro-ocidentais (das quais destacamos a anáfora das Constituições Apostólicas, a da chamada Tradição Apostólica, as hispânicas e ambrosianas, bem como as de São João Crisóstomo e de São Basílio). As de dinâmica *epiclética* subdividem-se em três grupos, ainda conforme sua estrutura literária: **(a)** Siro-orientais (entre elas a de *Addai e Mari*, e

⁴ Do grego “*eu*” (bom) e “*charis*” (graça). (cf. ALDAZÁBAL, 2002, p. 143.)

⁵ “Relacionar a *lex agendi* com a *lex orandi* e a *lex credendi*, evita-se qualquer perigo de pelagianismo, pois a ética deixa de ser um ‘dever’ a ser executado como ‘obra’ nossa e passa a ser vista como consequência da liturgia e da fé (...) A liturgia, por sua vez, não será simplesmente um momento de vivência estética, mas o deixar que o mistério de Deus penetre nossas vidas, e o trazer para diante (*offerre*) de Deus o que estamos tentando viver no dia a dia.” (TABORDA, 2009, p. 36).

⁶ “Os orientais dão o nome de anáfora à oração que chamamos de eucarística. *Anáfora* é um termo grego que significa *elevação, oferenda*.” “No missal romano, anterior ao Concílio Vaticano II, era chamada Cânon: *Canon actionis*, norma ou regra da ação litúrgica.” (RUIZ DE GOPEGUI, 2008, p. 75).

a de São Pedro Apóstolo III - *Šarár*); **(b)** *Alexandrinhas* (anáfora de Serapião e, na forma como se impôs universalmente, a de São Marcos); **(c)** *Romanas* (*Cânon romano*, de antiquíssima redação⁷, e as novas orações eucarísticas).

Todas as orações eucarísticas seguem um esquema bipartido fundamental: **(a)** seção *anamnético-celebrativa* (indicada pelo sinal gráfico *) e **(b)** seção *epiclética* (**). Cada seção, uma subordinada à outra, está regida segundo uma infraestrutura peculiar. Os nove elementos dispostos no quadro abaixo facilitarão a leitura que queremos propor das *fórmulas doxológicas*, para não correremos o risco de perder o conjunto da obra anafórica.

ANÁFORAS DE DINÂMICA ANAMNÉTICA	ANÁFORAS DE DINÂMICA EPICLÉTICA ⁸
* <1> Prefácio <2> Sanctus <3> Pós-Sanctus <4> Relato institucional <5> Anamnese ** <6> Epiclese sobre as oblatas <7> Epiclese sobre os comungantes <8> Intercessões <9> Doxologia	* <1> Prefácio <2> Sanctus <3> Pós-Sanctus ** <4> Epiclese sobre as oblatas <5> Relato institucional <6> Anamnese <7> Epiclese sobre os comungantes <8> Intercessões <9> Doxologia

Analisados os elementos, conforme essa estrutura maior das orações, dispostos em duas partes, não encontraremos dificuldade para visualizar o modo operatório com que a seção *anamnético-celebrativa* (*) se ajunta e se ajusta, num encadeamento lógico-textual, à parte *epiclética* (**) que, em seu imo, faz nascer o elemento epilodal (*doxologia final*) que nos interessa analisar. Evidenciaremos isto na análise mais acurada dos elementos textuais, o que nos permitirá perceber uma espécie de costura temático-estrutural-literária, que poderá ser firme, quando os nove componentes se mostram bem alinhados, ou frouxa, porque meramente alinhados e em desalinho.

A divisão das duas seções (*anamnético-celebrativa* e *epiclética*) é determinada pelo surgimento do primeiro elemento epiclético na prece, a epiclese *in genere*. Interessa-nos, sobremaneira, observar como as seções e os elementos intra-anafóricos se coadunam, concatenam, num desenvolvimento gradativo e de sentido teológico-existencial.

⁷ "O Cânon romano existia certamente já no século IV. (...) é bem possível que as origens do Cânon remontem à primeira fase da latinização da língua litúrgica da Igreja de Roma, que começa no século II." (ibid., p. 175).

⁸ A formatação / disposição dos elementos de cada seção varia de acordo com cada uma das três estruturas de dinâmica epiclética (siro-ocidental, alexandrina e romana). Optamos por apresentar aqui uma estrutura das novas orações eucarísticas romanas.

1.1. As anáforas de dinâmica *anamnética*

As anáforas de dinâmica *anamnética* pertencem, exclusivamente, à estrutura Siro-ocidental. Como não é possível perceber o encadeamento apenas na disposição gráfica dos componentes da oração eucarística (vide quadro acima), selecionamos, como representante desse tipo de prece, para análise, a anáfora da Tradição Apostólica, que, em princípio, servir-nos-á como base para o que pretendemos demonstrar, haja vista que não queremos, partindo já da *doxologia final*, perder o ritmo interno vital da prece.

1.1.1. A anáfora da Tradição Apostólica⁹

- O Senhor esteja convosco!¹⁰
- Ao alto os corações!
- Demos graças ao Senhor!
- E com teu espírito.
- Nós o temos no Senhor.
- É digno e justo

* <1+3> Damos-te graças, ó **Deus**,
por teu amado servo **Jesus Cristo**,
que nos últimos tempos nos enviaste
[como] salvador, redentor e mensageiro de tua vontade;
5 ele, que é teu Verbo inseparável,
por quem fizeste todas as coisas
e [que], na tua complacência enviaste do céu ao ventre de uma
virgem;
e ele, tendo sido concebido no seio, se encarnou
e se manifestou [como] teu Filho,
10 nascido do **Espírito Santo** e da Virgem.
Ele, querendo cumprir tua vontade
e adquirir-te um povo santo,
estendeu as mãos, enquanto sofria,
para libertar do sofrimento os que creram em ti.
15 <4> Ele, quando se entregava ao sofrimento voluntário
para destruir [o poder d]a morte e romper os vínculos do diabo,
para calcar aos pés o inferno e iluminar os justos,
para fixar o limite [da morte] e manifestar a ressurreição,
tomando o pão [e] dando-te graças, disse:
20 "Tomai, comei: isto é meu corpo
que por vós está prestes a ser partido".

⁹ Transcrita a partir da tradução de estudo de Giraudo. (2003, p. 271).

¹⁰ O *diálogo invitatório* é um elemento pré-anafórico para toda prece eucarística. Ele aparece já no mais antigo testemunho manuscrito de um texto anafórico, o palimpsesto de Verona. Sua função é expressamente relacional, ou se quisermos, de aclimação (acostumar-se ao "clima" de diálogo que será iniciado com o prefácio). Isso é interessante porque poderia parecer que uma prece só seria dialógica com a presença de "aclamações populares". O *diálogo invitatório* dá o tom do que está para ser realizado, ou seja, um colóquio, em ação de graças, entre o Deus e o ser humano e vice-versa. Ele é composto de três elementos: **a)** saudação, **b)** convite a orientar o coração, e **c)** convite à ação de graças. (cf. GIRAUDO, 2003, p. 272-280).

- Do mesmo modo, [tomou] também o cálice, dizendo:
 “Este é meu sangue que está prestes a ser derramado por vós.
 Quando fazeis isto, fazeis meu memorial!”.
- 25 <5> Celebrando, pois, o memorial de sua morte e ressurreição,
 [nós] te oferecemos o pão e o cálice,
 dando-te graças porque **nos tornaste dignos**
 de estar diante de ti e de te servir.
- ** <6> E **te pedimos** que envies teu Espírito Santo
 30 sobre a oblação da santa Igreja,
 <7> [para que], congregando-a em um só [corpo],
 dê a todos os que participam dos santos [mistérios],
 serem repletos do Espírito Santo,
 para confirmação da fé na verdade,
- 35 <9> para que te louvemos e glorifiquemos
 por teu servo Jesus Cristo,
 por quem a ti [é] a glória e a honra
 ([a ti] Pai, e ao Filho com o Espírito Santo)
 na tua santa Igreja,
- 40 agora e pelos séculos dos séculos.
 Amém!

Toda prece é presidida por uma temática mui específica. Em todas as anáforas o *elemento prefacial* preponderante é, incontestavelmente, o “*gratias agere*” (dar graças, agradecer...). Trata-se do *leitmotiv* fulcral de toda anáfora. Podemos verificar isto, na prece em questão, logo na primeira linha, com a expressão “Damos-te graças”.

1.1.1.1. **Seção anamnético-celebrativa (linhas 1-28)**

A prece da “Tradição Apostólica” está toda dirigida a Deus Pai (*linha 1*), através do evento Cristo, como sua motivação básica (*l. 2* em diante). Ele é o Verbo (*l. 5*), o Filho (*l. 9*) “nascido do Espírito Santo” (*l. 10*). A “(...) celebração *anamnética* é claramente cristológica, pois apresenta Cristo como o único e grande motivo da ação de graças.” (GIRAUDO, 2003, p. 283). A partir da *l. 11* temos, em consonância com o tema das linhas precedentes (*ll. 7-10* - encarnação), a memória da economia salvífica realizada **por causa de**¹¹ Jesus Cristo (cf. *l. 2*).

Os elementos da *seção anamnética* estão exemplarmente alinhados e bem costurados, de tal maneira que se sucedem num fluxo coerente.

A exposição temática retoma a história da salvação de modo magistral, porque breve, sem perder-se em minúcias.

A ausência¹² do *Sanctus* <2> não prejudica a concatenação sugerida pela temática entre os elementos que foram juntados

¹¹ Na *linha 2* devemos reconhecer na preposição latina *per* + *acusativo* um valor propriamente causal e não um valor de simples mediação.

¹² Giraudo acena a que, muito possivelmente, o *Sanctus* ausente (assim como as intercessões <8>) na Tradição Apostólica, não estivessem ausentes em uma hipotética anáfora primitiva (cf. GIRAUDO, 2003, p. 283).

(prefácio + pós-sanctus <1+3>). A ligação entre esses dois primeiros elementos <1+3> pode ser reconhecida pela unidade literária das *ll.* 11-18. Veja como o “estender as mãos” (*l.* 13) está em paralelo com o “fixar o limite” (*l.* 18), produzindo uma síntese da história da salvação (vetero- e neotestamentária) inigualável¹³.

Há, além de tudo o que foi explicitado acima, uma inclusão redacional que corrobora a leitura unitária da seção. A *linha* 27 (“dando-te graças...”) reitera a mesma expressão da *linha* 1 (“Damos-te graças...”), e ainda transpõe a ideia do “servo”, aplicada a Jesus (“por teu amado servo Jesus Cristo” – *l.* 2), ao orante (“de estar diante de ti e de te servir.” – *l.* 28).

1.1.1.2. Seção epiclética (linhas 29-fim)

Giraud admite que o encadeamento da seção *anamnético-celebrativa* com a *epiclética* estaria mais bem redigida na versão grega originária. Bastaria um simples exercício de retroversão ao grego das expressões “nos tornaste dignos” (*l.* 27) e “te pedimos” (*l.* 29) para encontrarmos a mesma raiz semântico-verbal¹⁴ (ver GIRAUDO, 2003, p. 284).

A concisão da parte *epiclética* na “Tradição Apostólica” explica-se pelo fato objetivo de não constar de uma *intercessão* <8>, o que não minora¹⁵ a força vital da prece. Aqui se optou pela sobriedade, deixando de fora esse elemento que, como prolongamento da parte precedente, pode ser supresso sem prejuízo da anáfora.

O primeiro pedido (*epiclese para a transformação das oblatas* <6>) encontra seu par natural e de sentido no segundo pedido, na *epiclese para a transformação dos comungantes* <7>. Isto pode ser observado na redação desses dois pedidos, que se sucedem sem interrupção, o segundo originando-se do primeiro. “E te pedimos que envies teu Espírito Santo sobre a oblação da santa Igreja (*ll.* 29-30) [para que], congregando-a em um só [corpo]...” (*l.* 31).

Interessante notar como a prece se resolve, num *continuum*, firme e decidido, que une as duas epicleses à *doxologia final*. As *linhas* 35-40 são um excelente exemplo de doxologia epiclética por estarem ligadas íntima e sintaticamente aos pedidos precedentes (cf. GIRAUDO, 2003, p. 285).

¹³ Trata-se do jugo que Adão tinha imposto à humanidade por ter estendido por primeiro a mão ao fruto proibido. Jugo vencido, porque a morte-ressurreição de Cristo pôs um “limite” ao domínio da morte e do diabo. (cf. *ibid.*).

¹⁴ “Tornar digno” significa “considerar alguém digno de alguma coisa” e “pedir”, no sentido que estabelece a oração, quer dizer “considerar algo digno de ser pedido”. Existe aí um jogo de sentidos que une as duas seções por meio dessa terminologia. (cf. *ibid.*, p. 268).

¹⁵ As intercessões são apenas um prolongamento e ampliação da *epiclese para a transformação escatológica*.

1.2. As anáforas de dinâmica *epiclética*

Enquanto as anáforas de dinâmica *anamnética* possuem uma estrutura chã, não diversificada, as *epicléticas* são estruturalmente variadas, contando com um grande número de possibilidades (vide acima).

Como essa modalidade de construção é a mais utilizada atualmente¹⁶ optamos por transcrever aqui, do conjunto de novas preces romanas, a oração eucarística II¹⁷.

1.2.1. A Oração Eucarística II¹⁸

— O Senhor esteja convosco! — E com teu espírito.
— Corações ao alto! — Nós [os] temos [dirigidos] ao Senhor.

— Demos graças ao Senhor, nosso Deus! — É digno e justo

* <1> É verdadeiramente digno e justo, equitativo e salutar, que nós te demos graças, Pai santo, sempre e em todo lugar, por teu amado Filho Jesus Cristo, teu Verbo, por quem tudo fizeste,

5 que nos enviaste [como] salvador e redentor encarnado por obra do Espírito Santo e nascido da Virgem. Ele, cumprindo tua vontade e adquirindo-te um povo santo, estendeu as mãos, quando sofria,

10 para dissipar a morte e manifestar a ressurreição. Por isso, com os Anjos e todos os santos, proclamamos tua glória, dizendo a uma só voz: <2> Santo, santo, santo é o Senhor, Deus dos Exércitos; os céus e a terra estão plenos de tua glória. Hosana nos lugares excelsos!

15 Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nos lugares excelsos!

<3> Verdadeiramente santo és [tu], Senhor, fonte de toda santidade.

** <4> Por isso te pedimos: santifica estes dons com o orvalho de teu Espírito,

20 para que se tornem para nós o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. <5> Ele, quando se entregava voluntariamente à paixão, tomou o pão e, pronunciando-a-ação-de-graças, [o] partiu e [o] deu a seus discípulos, dizendo:

25 “Tomai e comei dele todos, pois isto é meu corpo, que por vós está prestes a ser entregue”.

¹⁶ Todas as orações eucarísticas romanas são desse grupo anafórico.

¹⁷ Além da questão do uso hodierno, outra razão importante para escolha dessa prece se deve ao fato de que a Oração Eucarística II tem clara inspiração temática na prece precedente (Tradição Apostólica). (cf. GIRAUDO, 2003, p. 392).

¹⁸ Transcrita a partir da tradução de estudo de Giraudo (2003, p. 391-392).

Do mesmo modo, depois de ter ceado, tomando também o cálice,
de novo pronunciando-a-ação-de-graças,
[o] deu a seus discípulos, dizendo:

30 “Tomai e bebei dele todos, pois este é o cálice do meu sangue
da nova e eterna aliança
que por vós e pelas multidões está prestes a ser derramado
para remissão dos pecados.
Fazei isto em meu memorial”.

35 <6> Portanto, celebrando-o-memorial de sua morte e ressurreição,
[nós] te oferecemos, Senhor, o pão da vida e o cálice da salvação,
dando[-te] graças porque nos consideraste dignos
de estar-presentes diante de ti e te servir.

<7> E suplicantes [te] pedimos

40 que, participando do corpo e do sangue de Cristo,
sejamos congregados pelo Espírito Santo num só [corpo].

<8> Lembra-te, Senhor, de tua Igreja difundida por todo o orbe,
para a tornares perfeita na caridade,
juntamente com nosso Papa N. e nosso bispo N.

45 e todo o clero.
Lembra-te também de nossos irmãos [N. e N.],
que adormeceram na esperança da ressurreição,
e de todos os que morreram em tua compaixão,
e admite-os à luz de teu rosto.

50 De todos nós – pedimos-te – tem misericórdia,
para que mereçamos participar na vida eterna
com a bem-aventurada Mãe de Deus e Virgem Maria,
com os bem-aventurados apóstolos e todos os santos que, desde
sempre, te foram agradáveis,
de modo que te louvemos e glorifiquemos

55 por teu Filho Jesus Cristo.

<9> Por meio dele, com ele e nele,
é a ti, Deus Pai onipotente,
na unidade do Espírito Santo,
toda honra e glória

60 por todos os séculos dos séculos.
Amém!

Na oração eucarística II temos um “*remake*” temático¹⁹ da anáfora da Tradição Apostólica. Como na prece precedente, dedicarmos-nos a evidenciar, numa modesta análise sintática, os elementos de ligação nesta anáfora.

1.2.1.1 Seção anamnético-celebrativa (linhas 1-17)

A seção *anamnético-celebrativa* está composta de três elementos: *prefácio* <1>; *Sanctus* <2>; e *pós-Sanctus* <3>. O *prefácio* se liga ao *Sanctus* por meio da expressão “Por isso” (l. 11).

¹⁹ “À pergunta sobre se a oração eucarística II pode ser saudada como a anáfora da Tradição Apostólica rediviva, respondemos apelando à noção de estrutura. Negando, portanto, a identidade de estrutura, não nos resta senão verificar na nova composição abundantes reminiscências temáticas do modelo antigo.” (GIRAUDO, 2003, p. 393).

O motivo de dizermos “Santo, santo, santo...” (l. 13) foi sendo construído desde o *prefácio*. Deus é santo por sua maravilhosa obra de salvação realizada por Cristo, “**por isso**, com os anjos...”. O *pós-Sanctus* <3>, por sua vez, para ligar-se ao *Sanctus*, retoma o tema da santidade (“Verdadeiramente santo és...” l. 16), em paralelo com a l. 13, do *Sanctus*. Um *pós-Sanctus* exíguo, embora suficiente. (cf. GIRAUDO, 2003, p. 392).

1.2.1.2. Seção epiclética (linhas 18-fim)

A oração eucarística II introduz a seção *epiclética*, com o *pedido para a transformação das oblatas* <4>, utilizando recurso textual análogo ao da junção do *prefácio* <1> com o *Sanctus* <2> (“Por isso...” l. 18)²⁰.

O *relato institucional* <5> está bem enxertado e não traz problemas ao discurso. Para ligar a *anamnese* <6> ao *relato* <5>, a prece lança mão, outra vez, de uma conjunção consecutiva “portanto” (l. 25). Também não há dificuldades em passar da *anamnese* <6> à *epiclese sobre os comungantes* <7>. Este se ajusta ao seu precedente com o aditivo “e...” (l. 39). A esta *epiclese*, seguem-se as *intercessões* <8>, como seu prolongamento natural.

A “pedra de tropeço” do texto está no desfecho. Tudo vai bem até as *intercessões* <8>. Texto sucinto, corrente, formalmente bem alinhado, até que a prece se esfacela abrupta e repentinamente. “Pouco feliz foi a decisão de impor a todas as novas orações eucarísticas a *doxologia* do cânon romano”. (GIRAUDO, 2003, p. 393). Introduziu-se um elemento textual (ll. 54-55) que quebrou a fluidez da prece. A *doxologia* <9> perde sua força epiclética, fica isolada, desconectada.

No conjunto, esse texto eucarístico é fluido e, como num crescendo musical, faz deslizar os elementos, *pari passu*. É certo que a utilização reiterada da conjunção consecutiva “por isso / portanto” é a responsável primeira pela concatenação dos elementos. Ela se repete ao longo de todo o discurso, em lugares-chave (ll. 11 “*et ideo*”; 18 “*ergo*”; e 35 “*igitur*”), tanto na parte *anamnético-celebrativa*, quanto na *epiclética*. O uso de partículas consecutivas permite um salutar ajuntamento dos elementos, ao mesmo tempo que introduz o início de um novo estágio textual.

²⁰ A tradução iguala os dois, traduzindo “Por isso...”, embora o original não empregue as mesmas palavras.

O elemento temático que conecta o movimento *epiclético* à seção anterior pode ser observado no encadeamento verbal "santo-santidade-santifica" (ll. 17-18).***

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. 3.ed. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2002. (Biblioteca litúrgica, 3). p. 128-129.

BÍBLIA Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida* – texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: CNBB; Paulinas; Paulus, 2007.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann [...]. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007. [DS].

DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Gerardo García. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2006.

GIRAUDO, Cesare. *Num só Corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003. (Theologica).

JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum sollemnia*: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. São Paulo: Paulus, 2009.

RUIZ DE GOPEGUI, Juan A. *Eukharistia*: verdade e caminho da Igreja. São Paulo: Loyola, 2008. (Theologica).

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009. (Theologica).

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 205-214.

*** [CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO]